

DS

ARTIGO

PROTEGER AS FLORESTAS
PARA SALVAR VIDAS

O Dia de Proteção às Florestas, comemorado em 17 de julho, nos provoca à reflexão e nem tanto à celebração. A superfície emersa do nosso planeta, o único que temos para habitar, é de aproximadamente 15 bilhões de hectares, dos quais a metade (cerca de 7,5 bilhões de hectares) já foi floresta, total que hoje está reduzido a cerca de 5,5 bilhões de hectares.

Resultado do contínuo e por muito tempo explosivo crescimento da população humana, suas migrações e colonizações com conquistas intermináveis de territórios, essa perda de estimados 2 bilhões de hectares de florestas corresponde a mais que a soma de todos os países das Américas do Sul e Central. Ou quase a América do Norte inteira, com Canadá, Estados Unidos e México, lembrando que os dois primeiros estão entre os cinco maiores países do mundo.

Dos estimados 5,5 bilhões de hectares remanescentes, pelo menos 1,5 bilhão estão bastante degradados em sua estrutura e composição, não cumprindo muito das suas funções ecológicas essenciais à saúde do planeta. Esta situação, que por si só já não é boa, torna-se pior quando vemos que a destruição segue desenfreada, e nosso país é um ponto de

Floresta é vida e sem floresta não há espaço para as sociedades humanas florescerem

atenção mundial nesse triste e altamente preocupante assunto. Temos, obviamente, muitos componentes associados ao problema do desmatamento e da degradação das florestas aqui no Brasil e no mundo todo onde elas existem. Trata-se, portanto, de problemas complexos, para os quais não existem soluções simples. Todavia, posso destacar que entre nossos mais urgentes e difíceis desafios estão a falta de qualidade da nossa educação e as graves imperfeições do nosso sistema político, com sua falha representatividade quanto aos interesses nacionais, no qual impera a super representatividade corporativa setorial.

No fundo, seguimos como uma colônia com capitânicas hereditárias hoje substituídas por outros interesses, mas que ainda buscam a conquista do território a qualquer custo, o que inclui a destruição ambiental, o genocídio indígena e a manutenção do trabalho escravo ou equivalente, num círculo vicioso que sistematicamente agrava a questão. Não há dúvidas de que, além de complexos, são gigantescos os desafios a vencer! É inacreditável seguirmos agindo hoje em dia, com as informações científicas disponíveis, como se estivéssemos na primeira metade do século passado. Mas é isso o que acontece por aqui em termos ambientais e florestais. Mas não só. Lembre o que temos presenciado de negacionismo explícito durante a trágica pandemia que enfrentamos. Se nem com vida humana as lideranças políticas estão preocupadas, o que esperar delas para plantas e bichos?

A esperança repousa, portanto, nas novas gerações. Precisamos superar o negacionismo, nos apoiar na ciência – na boa ciência e nos bons cientistas, porque há os charlatões. Mas deve-se ressaltar também que, apesar do impressionante volume de informações de qualidade atualmente disponível, renovado e aprofundado diariamente, a deficiente formação educacional combinada com a mentalidade arcaica dominante entre as lideranças dos poderes da república – notadamente nos diferentes níveis do Executivo e do Legislativo, mas também no Judiciário – não permitem o seu devido e adequado uso no enfrentamento dos problemas nacionais.

A sociedade, grosso modo, já está mais sensível ao problema que a classe política que a representa. Assim, enquanto essa situação não muda, necessitamos unir forças entre os conscientes do problema para conscientizar mais e mais pessoas de diferentes classes e setores para o desafio de salvar as florestas que ainda restam e com elas restaurar muito do que perdemos. Afinal, a floresta é vida e sem floresta não há espaço para as sociedades humanas florescerem.

Miguel Milano é doutor em Ciências Florestais e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC�)

Diário da Serra

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996
EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997
Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W
Parque Mansões - CEP:78300-000
Tangará da Serra - MT - Brasil

www.facebook.com/jornalds

@diariodaserra



O Rio Queima Pé começa apresentar sinais de perda de vazão (Crédito foto: Vereador Eduardo Sanches)

Samae muda estratégia de abastecimento para continuar atendendo a população

FABÍOLA TORMES / Redação DS

Os reservatórios de água para a Estação de Tratamento de Água (ETA) do Rio Queima Pé, responsável pelo abastecimento de Tangará da Serra, estão em sinal de alerta.

Segundo o diretor do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (Samae), Heliton Luiz de Oliveira - Leto, o tratamento de água ainda segue normal, contudo os reservatórios estão no limite. “(...) não começou o

acionamento, porém nos últimos 20 dias teve um acréscimo muito grande no consumo [de água]. Como nosso tratamento continua o mesmo, acontece que temos que intercalar alguns bairros: libera para uns, corta para outros, isso durante o dia, para poder conseguir abastecer todos. Isso não é um racionamento, mas uma estratégia de abastecimento para a água conseguir chegar a todos os lugares”, explica.

Contudo, Leto reforça que se continuar do jeito que está, seca intensa e consumo acima da média, logo teremos que iniciar o sistema de rodízio de abastecimento. “Assim que os reservatórios baixarem o nível do fornecimento do fluxo d’água do Queima Pé e a

gente começar a usar da nossa reserva, certamente vamos entrar com racionamento”, alerta, ao pedir que a população use água de forma racional, com responsabilidade.

Quanto a transposição de água do Rio Russo para reforçar a vazão do rio Queima Pé, Leto explica que estão em busca dos tubos e outros equipamentos para serem utilizados no projeto. “Estamos buscando os tubos emprestados para fazer a transposição do Russo. Enquanto estivermos fazendo isso e não baixar da nossa reserva, a gente não entra com racionamento”, garante.

Apesar do sinal de alerta, o diretor da autarquia adianta que não há previsão para quando começarão a usar a água do rio Russo.

CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE

Governo de MT e Federal vão investir R\$ 204,9 milhões para retomar obras do Rodoanel

Assessoria

O governador Mauro Mendes e o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, assinaram no sábado, 17, a ordem de início de serviço que vai retomar a elaboração de projetos e execução da obra do Contorno Norte de Cuiabá e Várzea Grande, conhecido como Rodoanel, paralisada desde 2006. O investimento será de R\$ 204,9 milhões, com

recursos oriundos do Estado e da União.

A ordem de serviço prevê a elaboração dos projetos básico e executivo de engenharia, além de obras de melhoria viária e de artes especiais, em uma extensão de 21,5 quilômetros da BR-163/364, em Várzea Grande, até o entroncamento da MT-251, em Cuiabá. Este é o primeiro lote de obras do Rodoanel, que vai melhorar a trafegabilidade na região metropolitana de Cuiabá, segundo Mendes.

Ao todo, o projeto do Rodoanel prevê a implantação de 21,5 quilômetros do trecho da BR-163/364 e duplicação da pista em pavimento rígido. Em razão dessa duplicação, também deverão ser construídos dois viadutos na BR-163/364, dois viadutos na MT-010 e duas pontes sobre o Rio Cuiabá. Também está prevista a construção de uma trincheira na Avenida Antártica e três retornos/passagens em desnível.